

O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 1\$000 MENSAS.

Anno I.

Fortaleza — Domingo, 30 de Setembro de 1877.

N. 15

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 30 DE SETEMBRO DE 1877.

A pena estaca, a mão treme ao descrever o facto que faz hoje o objecto de nossas reflexões!

O *Retirante*, como toda a sociedade cearense, cobra-se de crepe diante do assombroso acontecimento que nestes últimos dias traz em sobresalto toda a população d'esta capital, accomettida no inicio das nossas desgraças!

Um homem de instintos de fera acaba de alargar e aprofundar as chagas que correm as entranhas d'esta terra martyr!

E' difícil conceber-se que, em estado normal, no cerebro humano possa caber tão monstruosa e fria perversidade. A physiologia não pôde encontrar a razão de um temperamento tão feroz; a psicologia só em Biccra, ou qualquer outro hospício de alienados, poderia descobrir um *simile* para esse monstro que, calcando ao pé os preceitos mais elementares do código da humanidade, trucida, depois dos mais barbares flagícios, uma pobre vítima da inclemencia da natureza, um miserio *retirante* e por um motivo tão futil!

Só per uma singular aberração de todas as leis naturaes poder-se-ha explicar um crime de proporções tão colossaes e cercado das mais tenebrosas e funestas circunstancias.

Na quadra de horrores que atravessamos; em face do terrível espetro da secca; rodeados de tantos infelizes que, açoitados pela calamidade, vieram implorar-nos o pão; quando diariamente balem em nossas portas a languida criancinha à estendermos a débil e descarnada mão; a pobre donzella, cheia de pudor, coberta de imundos trapos que mal lhe escondem a nudez; a desdiosa mãe, lavada em lagrimas, à ver apartar-se-lhe do seio estanque, devorado pela fome ou pela peste, o fructo querido de suas entranhas, o tenro filhinho cuja contemplação constitua toda sua felicidade; é no meio de todas essas misérias; nos arredores de uma cidade civilizada; ali, bem perto das principaes autoridades da província, que um crime execravel, pavoso, horrivelmente estupendo, perpetrado com verdadeiro aparato inquisitorial, com todo um arsenal de instrumentos torturantes; é no Mondubim, na margem da via-férrea, sobre a qual duas vezes ao dia desli-

za-se o vapor atestando o nosso progresso e civilisação; foi lá, repelimos, que com todos os artificios capazes de velat-a ás vistas da justica publica, um céo limpido e scintillante de fogo testemunhou uma das mais lugubres e medonhas tragedias que avolumam o grande registro das causas celebres.

Ao declinar do sol de 21 do corrente circulou n'esta capital com a rapidez do relampago o boato de haver o major Antônio Francisco Carneiro Monteiro Pirão servido com a força e barbarismo de um thug e com a glacial crueza de um Troppmann um miserio *retirante*, que sem duvida forçado pela fome entrou em seu sitio e arrancara algumas raízes de macacheira, resultando-lhe d'esse castigo a morte depois de prolongada e dolorosa agonia.

Quando a caridade publica manifestasse do modo o mais eloquente em favor das victimas d'esta secca desoladora que reduzi as nossas outr'ora uberrimas campinas á uma vastidão arida e deserta, juncada de cadáveres de animaes, cobertas de esqueletos vegetais; á um immenso areial sobre o qual milhares de casas e cabanas vazias e abandonadas testemunham ao raro e ou-sado viajante que affronta tamanhos rigores—a miseria no seu mais elevado grau; n'esse mesmo momento em que até o simples remedioso repaire com o faminto as gotitas de seu suor; é para pasmar, é para revoltar e confranger o mais empedenido coração ver-se um opulento lavrador, um velho já tristemente celebrizado por procedentes identicos, qual fera espumante de raiva, alanhlar as carnes já quasi exangues de um infeliz que, sufocando talvez os sentimentos da honra, impellido pela dura lei da necessidade extrema, queimada a boca pela sede, cego pela vertigem da fome, apenas arrastado pelo instincto da conservação, penetrara cambaleante em sua laboura para tirar umas duas raízes, que para o Sr. major Pirão era uma migalha e para elle um meio de manter a existencia por mais alguns dias!

O que o Sr. Pirão chama um furto, aos olhos do homem justo e de coração é até um direito sagrado, em presença da criminosa indiferença com que o governo de Sua Magestade encara os desastres de quatro importantes provincias; em face da *patrotada* de meia duzia de especuladores, asqueros urubus de casaca, que a comedem ao cheiro da carne, procurando amontoar fortuna sobre a miseria publ. a

cobrindo a face com a máscara da mais refinada hypocrisia e paramentando-se com as vestes do philantropo.

Exigem por ventura que cruzem os braços, que tombem inertes, fulminados pela fome, todos esses desgraçados, quando uma chusma de mercadores ávidos de ouro fazem de nossas dores pedestal ás suas individualidades, a base de suas riquezas?

Não; não nos escutem embora os justos clamores, não consentiremos que se faça o silencio em torno do sofrimento, como deseja o Sr. Estellita, que remunera generosamente, talvez com o obolo destinado ao pobre, a folha do expediente para occultar a verdade, para desmentir as noticias que diariamente nos chegam de individuos que morrem á falta de alimentos.

O *Retirante* continuará inabatável no seu posto; não pôde um só instante repousar quando gemem e estorcem-se em contínuo sofrer tantos de nossos irmãos; o *Retirante* combate por uma causa santa à que dedica todas as suas forças. E' em nome da humanidade e da justica; é em nome das mães, das viúvas, dos filhos, do desvalido em summa que levantamos os mais energicos protestos contra os assassinatos commetidos pelo deleixo d'esse governo corrupto; assim como não poderíamos, sem trair o nosso programma, passar em silencio o facto barbaro que prende a atenção d'este povo n'este instante inquieto e á reclamar o merecido castigo para o poderoso criminoso; um exemplo frisante que nos traga a convicção, de que as penitenciarias não foram construidas só para o pequeno, para o pobre, para o miseravel emfim.

Pirão ultrapassa Pontes Visgueiro; entre um e outro medeia a mesma distancia que separa a razão calma, porém perversa, da loucura gerada pela mais desordenada paixão.

Pontes Visgueiro, antes de ser assassino era um magistrado honrado, um chefe de familia exemplar, um cidadão util e pacifico. Pirão era um cogumelo social, a sua vida crivada de horriveis precedentes, pejada de criminosos escândalos.

A polícia não tem procedido, é doloroso dizer-o, com a energia e independencia que o caso requer; todas as formulas do processo tem sido atropeladas, a lei compromettida, a justica prejudicada diante de um crime que o proprio Carlos IX encararia com terror. Entretanto, a opiniao publica eloquentemente manifestada, a so-

MUTILADO

ciedade negramente ultrajada, mostra-se descontente com um patronato que, Deus queira, não possamos provar com a maior evidência.

O Sr. Dr. chefe de polícia, verdadeira carnidade inerte, dorme o sonno do indifferentismo, em quanto o povo grita e grita por justiça.

Um moço inexperiente, embora lhe rehemos os melhores desejos de acerto, não pode, trilhando terreno tão movimentado, chegar ao antro, onde cuidadosamente escondaram o crime.

Sentimos não dispor de maior espaço para de uma só vez apreciarmos toda a maromba que tem seguido a polícia em suas indagações, desviada da senda da verdade pelo machiavélico e trácas de um rabula que n'esta terra se tem constituído o patrono de todas as causas perdidas.

Prometemos, porém, acompanhar parcialmente os acontecimentos e d'elles inteirarmos o público.

Audiencia tumultuaria.

Na questão Pirão nada ha que mais indigna e revolte a opinião pública do que o desplante, a ousadia, o simulado sangue frio que aquele grande criminoso ostenta diante da justiça e à par de seu advogado, um tal João Brígido, que n'esta terra é sempre visto à frente das mais ilícitas trâficas.

Onde estiver a verdade, o justo e o honesto certamente não estará esse homem, pela mesma razão porque onde não ha carnicaria não pairam corvos.

Quando a luz está quasi feita sobre tão horroroso facto; quando toda a opinião pública se ergue tomada de espanto e aponta Pirão como um vulgar e barbário faccíniora; é para admirar que, fulvo de raiva ao ver desmoronar-se os seus castelos, ao desfazer-se o labirinthio em que pretendem envolver a polícia, João Brígido brás dessous bras dessus com o seu constituinte, affronta a moralidade e ande a morder à quanto homem de bem tem a coragem de desdenhá-lo e auxiliar a justiça no descobrimento da verdade.

Inventides os papéis, vê este povo nobre e cioso de seus brios; contempla a sociedade, estupefacta e cruelmente ultrajada, o facto singular de um individuo vergado ao peso da mais odiosa imputação, investir contra todos e contra tudo, quando já se começa à espancar as trevas que furtavam aos olhos da justiça e mais hediondo crime de que tem sido teatro esta província.

Occulta-se tudo; grila-se para impedir que se ouça; chama-se, como disse alguém, assassinos os assassinados, ladrões os roubados, carreiros as victimas!

Tal o espetáculo que no dia 27 do corrente, durante a audiencia do Sr. delegado de polícia, quasi todas as pessoas gradas d'esta capital presenciaram em uma das salas do piso municipal.

Tal a tacáca d'esse indivíduo de precentes duvidosos, único debaixo d'este céo

capaz de quebrar laças por uma causa tão má, levando o seu arrojo ao ponto de ferir caracteres ilibados em plena sessão, só porque manifestaram um justo horror por tão assombroso acontecimento; levando o atrevimento ao ponto de intimar as mais negras injúrias, as mais torpes calumnias contra testemunhas do maior critério, pessoas altamente qualificadas; só porque depositaram de modo à inutilizar os seus planos de defesa.

Que um advogado promova todos os meios licitos em favor de seu cliente; que se arme dos mais fortes argumentos em prol de sua causa; que procure mesmo desviar, até certo ponto, os passos da justiça; convivemos. Mas, reconhecer a culpabilidade de um indivíduo, convicto de que um assassinato ou crime semelhante foi perpetrado com todo aparato de circunstâncias aggravantes e secundar o delinquente na triste tarefa de obscurecer o campo das indagações policiais; lançar mão do suborno, do terror, de todos os meios reprovados, em summa; não é de certo para o homem que presa a sociedade em que vive e coloca a honra acima de montanhas de ouro, quanto mais de alguns vintens com que se compra certos manequins de cera.

O dia 27 ficará gravado em caracteres indeleveis na historia d'este povo altivo, nobre e consciente de seus direitos e prerrogativas.

A consciencia de João Brígido bradará até o seu derradeiro instante contra o papel miserável e asqueroso que representou em face de toda esta população à quem não sabe mais illudir; o seu nome, a sua falsa reputação, já moribunda, acaba de matá-lo a execração pública.

João Brígido deverá ter passado em revista todos os seus anos de existencia, antes de tentar a mais vil e cobarde vendetta contra o Sr. Francisco Perdigão, pobre, mas muito honesto proprietário d'este periódico, que incorre nas suas iras só por que pleiteia a causa sublime e justa do desgracado retirante, que não dispõe da fortuna dos seus compadres, porém nem por isso enterra a honra na lama em que se alimentam as sanguinugras sociedades.

O Sr. Perdigão é uma das victimas ilustres do rancor traízoeiro de João Brígido que, aproveitando o ensejo do processo Pirão, chamou-o à barra dos tribunais por haver dito em conversa, o que já corre n'esta cidade de boca em boca, que a firma Brígido & Pirão havia comprado por cincoenta mil réis, o caboclo nedio, liso e folgazão que, indiferente, o riso nos lábios, aqui se apresentou como a vítima da surra do Nondubim—trazendo na capa do chapéu um pedaço de massa caustica—e em uma das nadegas uma dentada de pulga.

Perseguido por este modo o Sr. Perdigão, em virtude de um antigo publicado n'estas colunas, no qual era João Brígido merecidamente acusado; o honrado Sr. Dr. Mello contou quem não se podia articular uma só das infames calumnias que lhe atirou esse lazaro, sem faltara justiça e cuspar o decôro; autor o Sr. Dr. Mello do alludido artigo, tornou sua a causa do Sr.

Perdigão sobre quem esperava Brígido carvar o ódio que lhe incendiava o cerebro.

Homem sem religião; verdadeiro Prothen político; apedrejando amanhã o ídolo de hoje; jogando traízoeiramente todas as armas; accusando ou defendendo conforme o preço porque lhe compram a pena mercenaria; demônio familiar, plantando sisínia no seio das famílias; inculcando-se, mercadejando sua fatal inteligência de porta em porta, como qualquer quitanreira; armeiro e comboio em seus primeiros tempos; coberto de baldões por um crime identico ao do seu cliente Pirão, commettido nas matas do Cariry, tendo o nome no rol dos culpados, riscado pelo patronato político; outro Judas esbofeteando o beneficiador logo após o beneficio; covarde traidor, amaldiço a ferida apenas acaba de morder; patriota de barriga proletaria sem eira nem beira, introduzindo-se sorrateiramente em sociedades importantes de que se faz advogado officioso e acaba por comprometer o capital dos accionistas; por depreciar a empresa em detrimento do progresso material da província; em época tão calamitosa, como a actual, esbofeteando-se mentiroso pela causa do povo, d'esse povo que é na boca de vis especuladores o instrumento de suas sordidas ambicões; esse liberal que queria mar o templo sagrado da Liberdade, que despedacaria a estatua dos Washingtons, que escarraria as cinzas dos Laffayettes e dos Thiers, que pizaria c'os pés immundos a campa dos Andradus; esse embusteiro quebra o bico da pena, emmudece diante de tantas aflições, cerrá os ouvidos quando o espaço se enche de gemidos, ri-se quando todos choram, estaca impassível no meio de tantas dores; só porque, em lugar de dinheiro para obras, como elle opinava, o governo e os particulares enviaram genros e esmolas, onde não encontra gorço pasto à seu espírito de ganância.

E é esse homem, esse polyno, que, em presença de um público que o conhece tão de perto, ousou arremessar chulas, injúrias e calumnias; à revolver um esquerquitinio de phrases nojentas; a dirigir gestos obscenos ao muito honrado Sr. Dr. Mello, por ter com o seu depoimento derribado o edifício de sua sophistica defesa, desmascarado os artifícios, frustrado todos os seus perveros intulos, prestando assim um poderoso auxilio à justiça, concorrendo à desafrenta da sociedade, derramando profusa e viva luz sobre o terreno da verdade.

A essa audiencia compareceu esta capital, para assim dizer, inteira, ou pelo menos achava-se representada por muitos dos seus mais conspicuos habitantes; via-se n'essa sala as diferentes camadas de nossa sociedade; lá estava a opinião pública, como para assistir o drama o mais vivo e surprehendente; todos os outros fitavam-se em um velho, calvo, o craneo livido contrastando com essa palidez de semblante que denunciava a luta terrível d'aquele da consciencia; grandes oculos que mal podiam encobrir as horríveis impressões d' aquela alma que se trahia em um olhar expressivo que de quando em vez trocava com o seu advogado, escondiam talvez

sobre aquellas pupillas, a ultima cena da tragedia, o ultimo estorcer da victim.

Esse velho era o indicado; era o major Pirão; era o autor do barbaro crime do Mandubium; o rico proprietario, cujo contacto todos evitam n'este momento.

Debalde o olhar publico procurava n'essa phisionomia a sinceridade, a fe, a pureza de sentimentos, uma só virtude!

Todos os traços traduziam a balalha que se feria, n'aquelle instante solemne, em todas as celulas d'aquelle cerebro em que a phrenologia descobriria a um relancear de vista o funesto contigo de todos os crimes.

A sua sentença estava lavrada no espirito publico; a hora da justica está a soar.

Pois bem; fui no inicio da tanta solemnidade que João Brígido investiu contra todas as testemunhas que se apresentaram e, sem medir a distancia que separa a verdade da mentira, a honra da infamia, a virtude do crime, atacou o Sr. Dr. Mello que com serenidade, energia e entre estrepitosos aplausos de todo o auditorio, sem exceção de uma só pessoa, declarou que corava de ver-se obrigado pela lei a sentir-se vis-a-vis de um ente coberto de posturas, reputado n'aquelle occasião por toda a opinião, muito generosa para não esmagar o alevoso aventureiro que, cego pelo desespero, a razão desvairado, promoveu em invectivas contra o povo cearense!

« Eu desrespeito a opinião publica, maximamente a de Ceará que bem conheço. »

Quem não ouviu estas palavras cabidas d'esses laios prostituidos e abafadas pelos mais pomposos e vigorosos protestos?

O Sr. Dr. Mello, a vítima sacrificada tão espontaneamente à causa da justica e da humanidade, deve estar orgulhoso pelas eloquentes manifestações de apreco de que foi merecido alvo: pelas mostras de admiração que recebeu de todos os que o viram repelir com a ponta do pé o cão lazaro que tentara mordel-o.

Os vivas e os urucahs ao Sr. Dr. Mello encheram todo aquelle espaço, logo depois ocupado pelos assobios, pelos fôrmas, por mil improprios dirigidos à Brígido pelos garotos que à porta do edificio esperavam e acompanharam-no até á casa de Pirão.

Não podia ser mais explêndido o triunfo do Sr. Dr. Mello!

Não é possível erguer-se mais alto, pro-nunciar-se mais energica e pomposamente a opinião publica. Acompanhando-a, dominados do maior entusiasmo, podemos orgulhar do nome brasileiro e de ver n'esse terra, patria do trabalho, esses sublimes pronunciamentos que em todos os tempos traduziram fielmente os sentimentos de nobreza de um povo livre e consciencia de sua autonomia.

Agora algumas palavras mais e teremos terminado;

A uma ou outra pessoa que censura a conducta, alias digna de imitar-se, do Sr. Dr. Mello, apresentando-se espontaneamente para depor o que sabia sobre um facto de tamanta gravidade, contenta-nos chamar a atenção publica para a opinião assas autorizada de um eminentemente escrivtor democrata:

« E' dever rigoroso de todo cidadão: é indigno de fazer parte da uma nação livre quem por desidia, cobardia ou pusilanimidade, assiste indiferente aos abusos da autoridade, aos desregimentos do poder, à affronta a sociedade que o tem em seu seio. »

Ainda o padre Scaligero.

Acabamos de receber importantes documentos da vila de Quixadá, com relação ao procedimento do Sr. padre Scaligero, não só quanto ao defloramento da menor Silvana, como dos meios criminosos por elle empregados para occultar o seu crime.

Armado novamente do lugar de membro de uma outra comissão de socorros para distribuir a quantia de 600000 que coube aquella localidade, quando pendia contra si acusações tão graves; esbanjou o obalo da pobreza em menos de dois dias na compra de testemunhas que fossem perjuriar na celebre justificação que S. S. publicou no Cearense, inclusive 50000 que deu a seu mano José Raymundo Maravalho.

A um pobre homem de nome José Francisco Damaceno chegou a dizer que não fazia mal jurar falso em defesa de um sacerdote!

O dinheiro assim gasto criminosamente porque até o foi em ausencia e sem sciença dos outros membros da comissão, deve ser reivindicado por accão que compete a qualquer do povo.

Essas nomeações foram feitas pelo Sr. Bispo Diocesano, que assim quiz affrontar a opinião publica para dar prestigio a seu subalterno em vez de puni-lo.

Pois bem: a S. Exc. cabe a responsabilidade moral de ser transformada a somma que lhe é enviada para dar de comer a quem tem fome, em moeda para corromper consciencias e encobrir a libidinagem de um padre.

A infeliz Silvana depois de deshonrada, é esmagada com o nome de prostituta;

Sua mãe é obrigada a emigrar para Batutite, onde consta que acaba de expirar victimas das febres;

A pobreza vê dar-se o seu pão em premio aos perjurios;

O vigario de Quixadá, fugindo coberto de maldicções, aqui se acha impuniado, cercado da confiança de S. Exc., sollicitando mais gorja pretesta;

E o publico que vai ler os documentos abaixo que provam tudo isto, preferirá a sua sentença.

DOCUMENTOS.

Quixadá, 4 de Setembro de 1877.—Sr. José Francisco Damaceno.—Sirva-se Vme., por amor a verdade, responder ao pôde-esta—se é verdade ter o vigario João Scaligero Augusto Maravalho instado com Vme. para depor, como testemunha, em uma justificação em que pretendia ou se propria provar que a menor Silvana Maria da Gloria, filha da viúva Thereza Maria de Jesus, já era uma mulher perdida desde mu-

tos annos, e por que Vme. lhe tivesse ponderado que não se prestava a isto, visto que dito juremento era falso, por que tanto Vme. morado perto d'essa infeliz moça por algum tempo nunca ouvira falar mal d'ella e nem lhe constar que ella seja uma mulher perdida, ao que lhe dissera o mencionado vigario que fosse jurar que ella já era perdida que isto não fazia mal, e como Vme. de todo se negasse a dar este jumento se o referido padre expulsou de casa d'elle uesse filho que Vme. ali tinha e si negou-se os deixou por este motivo de lhe dar esmola de socorros que para aqui tinham sido mandado distribuir com os indigentes pela comissão central da capital d'esta província. Peço-lhe me fazer o uzo que me convier de sua agencia. — De Vme. acentuoso venerador e criado, Vicente Eneas de Moraes Monteiro.

Ilm. Sr. Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Respondendo a sua carta supra tenho a dizer-lhe, que é verdade que o Sr. padre João Scaligero Augusto Maravalho mandou chamar-me por duas vezes a sua casa e pediu-me para que fosse como testemunha depor na justificação de que falla dito sua carta, pretendendo provar que Silvana Maria da Gloria, menor de quinze annos, era maior de vinte e que já era uma mulher perdida, e por que en a isto me negasse por ser um jumento falso porque conheço a entidade ouvi dizer que ella fosse uma mulher perdida, ao que me repliquei o mencionado vigario, — que jurasse o que elle dissesse, que embora fosse falso não fazia mal que era para defender a um sacerdote — e por que ainda assim eu a isto me negasse não quis ele dar-me esmola dos dinheiros que tinham vindo para serem distribuidos com os pobres, apesar de minha familia constar de doze pessoas e de lhe pedir esmola por duas vezes; e que quanto a saída de meu filho de sua companhia, foi a pedido de minha mulher, o que elle acedeu, mas tomando-lhe a roupinha que tinha dado e nada pagando por tres mezes que dito meu filho esteve em sua companhia. Pode fazer de minha resposta o uso que lhe convier. — Sou de V. S. venerador e criado, José Francisco Damaceno.—Quixadá, 4 de Setembro de 1877.

CARTA DIRIGIDA A DIVERSAS PESSOAS.

Villa do Quixadá, 5 de Setembro de 1877.—Ilm. Sr.—Rogo-lhe que queira ter a bondade de responder ao pôde-esta—se é verdade ter V. S. ouvido dizer a algumas pessoas, ou se lhe consta, que o vigario João Scaligero Augusto Maravalho, como membro da comissão de socorros ultimamente nomeada pela comissão central da cidade da Fortaleza, esbanjou só por si, sem convocar os demais membros de dita comissão, e em menos de 24 horas os 600000 para aqui remetidos para serem distribuidos com os indigentes flagelados pela secca; se d'esse dinheiro deu a seu mano José Raymundo Maravalho a quantia de 50000 por esmola, ao professor Jacob Cambuhy 15000 e a cada uma de suas mães, em numero de tres, 5000 tambem

per esmola. Permita-me usar de sua resposta.—De V. S. atencioso venerador e criado, Vicente Eneas de Moraes Monteiro.

RESPOSTAS.

Hlm. Sr. Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Respondendo a supra carta de V. S. tenho a dizer que ouviu dizer n'esta villa por Luiz Teixeira de Souza Lima e mais alguém, que o vigario João Scaligero Augusto Maravalho, membro da comissão de socorros ultimamente nomeada, esbanjou só por si, sem convocar os demais membros da dita comissão, e em 24 horas, pouco mais ou menos, concluiu os 600\$000 vindos para aquella comissão, ser distribuídos com os indigentes, assim como ter o vigario dado d'este dinheiro 10\$000 a seu mano José Raymundo Maravalho, homem cheio de recursos, 15\$000 ao professor Jacob e 5\$000 a cada uma das irmãs deste. Pode fazer d'esta minha resposta o uso que lhe convier.—Sou de V. S. atencioso venerador e criado, Francisco Lins Sampaio.—Quixadá, 5 de Setembro de 1877.

Sr. tenente Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Em resposta a supra carta de V. S. firmada com data de hoje passo a responder, que é exacto que o vigario João Scaligero Augusto Maravalho, como membro da comissão ultimamente nomeada pela comissão central da Fortaleza, esbanjou só por si, sem convocar os demais membros da dita comissão, os 600\$000 para aqui remetidos por aquella comissão para serem distribuídos com os indigentes flagelados pela secca; se d'esse dinheiro deu a seu mano José Raymundo Maravalho, ao professor Cambutá e a tres manas d'este, ouvi dizer por diversas pessoas, não affirmo a realidade. Tenho assim respondido a sua carta, e pôde fazer de minha resposta o uso que lhe convier.—Sou de V. S. patrício amigo e criado, Antonio Francisco de Assis Marinho.—Quixadá, 5 de Setembro de 1877.

Hlm. Sr. tenente Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Em resposta a carta de V. S. tenho a dizer que na occasião, em que foi distribuído, pelo vigario João Scaligero Augusto Maravalho, como membro da comissão central, os 600\$000 vindos para aqui ultimamente, eu não estava n'esta villa; mas depois que aqui chegai ouvi dizer que dito vigario tinha distribuido este dinheiro sem convocar aos demais membros, dando esmolas a pessoas que não estavam no caso, como bem, a seu mano José Raymundo Maravalho, e ao professor público d'esta villa e a suas tres manas, e a muitos outros. Não sei que tempo gastou o predito vigario para distribuir este dinheiro. Pode V. S. fazer de minha resposta o uso que lhe convier.—De V. S. atencioso venerador e criado, Miguel Francisco de Queirós Soárez.—Quixadá 7 de setembro de 1877.

Hlm. Sr. Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Sobre o conteúdo de sua carta ape-

nas sei que fazia parte d'esta comissão o vigario João Scaligero, V. S. e José Alves da Silva, deixando de conhecer este ultimo; assim como consta-me, que não convocou a membro nenhum, podendo fazer o uso que lhe convier. Sou de V. S. patrício atencioso venerador e criado, Antônio Ricardo da Silveira Bravo.

(Estavam sellados e reconhecidas as firmas.)

E bom não esquecer.

A rico não devas e a pobre não prometas: diz o adagio.

Quando na Corte foi apresentada a lista aberta entre os senadores e deputados cearenses para socorrer as victimas da secca, ao Exm. Sr. Barão de Aquiraz, S. Exc. deixou de subscriver-a por estar disposto a vir à sua província auxiliar a indigencia com os recursos que lhe fosse possível, como declarou.

Com efeito S. Exc. voltou, mas por mais que tenhamos indagado, não encontramos notícia que diga ter o Sr. Barão cumprido sua promessa generosa e sobre a qual os pobres retirantes têm os olhos fitos.

Será esquecimento, ou por julgar ainda inopportuna a occasião?

TRANSCRIÇÃO.

Enterrar os mortos.

São mais do que contristadoras as notícias que chegam do norte do império.

Ao lê-las o coração do homem se confrange de dor; mas o espírito do cidadão se revolta.

Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará são duramente açoitadas pela ira dos elementos: aqui, na quasi intera extensão d'essas províncias, o sol permanente a queimar e pulverizar os campos; ali, em círculos limitados, a chuva torrencial e continua a damnificar o que encontra e, o que mais é, a matar as esperanças do futuro.

E' desolador semelhante espetáculo.

Os estragos presentemente causados são imensos; incalculáveis, porém, são as suas funestas consequências.

O movimento emigratorio que se opera n'essas províncias é espantoso e triste.

Povoações inteiras, accossadas pela fome e pelos males que de perigo acompanham essa grande desgraca, abandonam os laços sem destino e sem esperança.

Caravanas perdidas, essa misera gente tem apenas por guia a necessidade de fugir, e por alimento os repudios das proprias feras.

Caminham ao acaso e, ao encontro de uma aldeia ou villa, a esperança se converte logo na recrudescência do desespero; porque as ruas estão desertas, as casas vazias e os fogões sem lume.

A idade, o sexo, a posição tudo se acha

confundido na mesma comunhão da dor, da fome e da nudez.

Os cemiterios mudaram-se para as estradas, onde a criança ostala de cançasso e sede; onde a mãe, tendo os seios mortos, faz de seu amor a mortalha do filho; onde o velho, como o adulto e forte, topando com o impossível, desfalece e cahe.

São estas as scenas lugubres de que dão noticia os jornais.

A emigracão já vai de província à província. Da Paraíba emigra-se para Pernambuco; do Rio Grande do Norte para o Ceará e do Ceará para o Amazonas e Pará.

O Ceará, sobre todas, tem sofrido muito. Seus filhos, por ordem do governo, são trasladados para regiões longínquas, onde chegam privados do minimo recurso, e de onde, provavelmente, não voltarão mais.

No paiz de todas as riquezas esta expatriação forçada é incrivel.

O desequilibrio economico, de parte os desastres morais, deve ser prolongado e funesto para muitas gerações.

Dante, porém, de uma ordem de coisas tão afflictiva, como ha procedido o governo? Que medidas ordinarias ou extraordinarias, como a situação exige, ha realizado?

O desenvolvimento e proporções que ha tomado a desgraça, que tão estrondosamente afflige essa parte do império, são o atestado eloquente da inopia e criminoso incuria da gente que desgovernava o paiz.

Os canticos de louvor e agradecimento que os governos d'essas províncias levantam em honra do gabinete e do ministro das finanças, suffocam os gemidos das victimas...

No Ceará levantam-se impostos extraordinarios e em toda a parte reina a paz.

Que mais?

Ao marquez de Pombal, por occasião do terramoto de Lisboa, se atribue estas palavras: cuidar dos vivos e enterrar os mortos.

Já que o governo não cuida dos vivos, ao menos entere os mortos.

Rio, 1 de Setembro de 1877.

(Editorial da Reforma.)

A PEDIDO.



EPITÁFIO

Para a publica opinião
João Brígido já morreu!
E o Pirão, n'uma fornalha,
Seu negro corpo escondeu!

Coitado! Já não existe!
Sumiu-se, morreu, levou fim!
Eis a sorte que no mundo
Teve o celebre Celumini!